

Album de fotografias: Técnica de construção de dados na pesquisa com crianças*

Photo album: Data construction technique in researching with children

Álbum de fotos: Técnica para construcción de datos en la investigación con niños

Gilclécia Oliveira Lourenço¹, Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas², Ricardo Delgado Marques de Lima³, Danielle de Andrade Pitanga⁴

Resumo

A participação de crianças e adolescentes em pesquisas é de suma importância para a compreensão dos sentidos atribuídos por eles à realidade, representando uma rica fonte de dados. Entretanto, o trabalho com esse público impõe ao pesquisador cautela ao definir os recursos metodológicos. Este artigo, objetiva descrever e discutir o método aplicado em um estudo qualitativo que investigou como crianças e adolescentes, filhos de casais homossexuais, representam a si e a suas famílias. O projeto foi aprovado pelo

comitê de Ética da Universidade Católica de Pernambuco, sob o parecer de número 154/2006, CEP 0101.0.096.000-06. O critério de inclusão dos participantes referia-se a crianças e/ou adolescentes em que o casal parental fosse constituído por pessoas do mesmo sexo e que mantivessem uma relação estável e publicamente assumida. O instrumento utilizado, intitulado “álbum de fotografias” é apresentado como uma técnica de construção de dados facilitadora do diálogo entre pesquisador e participante. Este se mostrou um excelente recurso metodológico para pesquisa com o público infanto-juvenil, pelo fato de ser uma técnica lúdica que desperta interesse e se aproxima do universo de significações dos participantes. Além disso, o uso de histórias inspirou maior confiabilidade e adesão por parte dos responsáveis pelos participantes.

Descritores: família; metodologia; crianças; adolescente.

¹ Psicóloga, mestre e doutoranda em Psicologia Clínica no Programa de Pós-Graduação da Universidade Católica de Pernambuco. Recife- PE, Brasil. E- mail: gilcleciaoliveira@yahoo.com.br

² Psicóloga, Doutora em Psicologia – área: Família e Saúde. Coordenadora Geral da Pós-Graduação da Universidade Católica de Pernambuco. Recife- PE, Brasil. E- mail: crisamaz@gmail.com

³ Psicólogo, Mestre em Psicologia Social, Doutor em Psicologia Clínica. Recife- PE, Brasil. E- mail: ricardomarques_psi@yahoo.com.br

⁴ Psicóloga, mestre e doutoranda em Psicologia Clínica no Programa de Pós-Graduação da Universidade Católica de Pernambuco. Recife- PE, Brasil. E- mail: danipitanga@ibest.com.br

* Trabalho apresentado no IV Congresso Ibero-Americano de Investigação Qualitativa. Artigo originado da dissertação intitulada: Filhos/as de Casais do mesmo sexo: como representam a si mesmos/as e a suas famílias, Universidade Católica de Pernambuco, 2013.

Abstract

Participation of children and adolescents in researches is of a high importance for comprehension of how they assign meanings to reality, representing a rich full data collector. However, working with this public imposes to researchers some caution while choosing methodological resources. This paper aims to describing and discussing a certain methodology applied in a qualitative study which has investigated how children and adolescents - children of same-sex couples - represent themselves and their families. This study was approved by the Ethics Committee at Universidade Católica de Pernambuco, under protocol number 154/2006 - CEP 0101.0.096.000-06. Participant inclusion criteria were children or adolescents whose parental couple was composed by same-sex persons who kept a stable relation, publicly stated. "Photo Album" was the instrument used and it is presented as a data construction technique facilitating dialogue among participants and researcher. This instrument worked as an excellent methodological resource to be used with child and adolescent subjects because of its ludic technique being capable of raising interest on these participants, by

being part of their universe of significations. Besides all that, using stories showed to be more effective on inspiring trust and adherence by part of the participant's guardians.

Key words: Family, methodology; children; adolescent.

Resumen

La participación de niños y adolescentes en la investigación es de suma importancia para comprender los significados atribuidos por ellos a la realidad, lo que representa una rica fuente de datos. Sin embargo, el trabajo con este público requiere cuidados especiales al definir los recursos metodológicos. Este artículo tiene como objetivo describir y analizar la metodología utilizada en un estudio cualitativo que investigó cómo los niños y adolescentes, hijos de parejas del mismo sexo, representan a sí mismos y a sus familias. El proyecto recibió autorización expresa emitida por el Comité de Ética de la Universidad Católica de Pernambuco, bajo el informe 154/2006, CEP 0101.0.096.000-06. El criterio de inclusión de los participantes fue: niños y/o adolescentes cuyos padres/madres fuesen una pareja del mismo sexo, que mantenían una relación estable,

públicamente asumida. El instrumento, "álbum de fotos", es una técnica de construcción de datos que facilita el dialogo entre el investigador y el participante, lo que resulta en un excelente recurso metodológico ya que es una técnica lúdica que despierta interés y se acerca al universo de significados de los participantes. Además, el uso de historias inspiró una mayor fiabilidad y adhesión por parte de los responsables por los participantes.

Descriptor: familia; metodología; niños; adolescente.

Introdução

O trabalho de pesquisa com o público infanto-juvenil é um desafio para o pesquisador, pois traz consigo inúmeras implicações éticas que dizem respeito às peculiaridades do seu público-alvo, e por várias vezes ficam na mira de críticas. Menezes⁽¹⁾ argumenta que a maior parte dos estudos, cujos objetivos são voltados para o universo infantil, tem como *corpus* da pesquisa os discursos dos seus responsáveis. O fato é que, na sociedade, de modo geral, os adultos habitualmente têm a expressão de suas ideias valorizada, enquanto que as manifestações expressivas das crianças, por serem consideradas ingênuas ou

Album de fotografias: Técnica de construção...

imaturas, ainda são caladas e/ou preteridas.

Em contrapartida, Gaiva⁽²⁾ afirma que apesar de, no passado, as crianças e adolescentes terem sido tomados mais como objetos do que como sujeitos de estudos, hoje se observa uma difusão de pensamento que os considera capazes de ver e descrever seu próprio mundo. Os pesquisadores estão reconhecendo a importância de se promover estudos com essa faixa etária, considerando-os uma rica fonte de dados. Segundo Vasques, Mendes-Castillo, Bousso, Borghi e Sampaio⁽³⁾ um movimento crescente que busca consolidar e reconhecer a criança e o adolescente como cidadãos de direito, ganha cada vez mais força. Esse movimento percebe este público como indivíduos sociais, produtores e consumidores da cultura e da história. A construção dessa maneira de pensar rendeu muitas conquistas, inclusive no campo legal, com a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (início dos anos 90), que aponta para a aceitabilidade dos menores como agentes sociais.

Pode-se afirmar que a participação do público infanto-juvenil em pesquisas não é apenas uma questão de interesse científico, mas abrange

questões sociais e políticas. Aprofundar os conhecimentos sobre esse público é imprescindível para se pensar a construção e efetivação de práticas participativas que reconheçam a cidadania ativa da infância. Kramer⁽⁴⁾ afirma que a infância é “um campo temático de natureza interdisciplinar, e essa visão se difunde cada vez mais entre aqueles que pensam a criança, atuam com ela, desenvolvem pesquisa e implementam políticas públicas”.

Ao reconhecer as crianças e adolescentes como atores sociais, é fácil perceber que elas representam, de fato, uma rica fonte de dados para pesquisa; no entanto, devemos considerar suas especificidades nos aspectos biopsicossociais, o que impõe ao pesquisador uma maior cautela ao tomá-los como *corpus* de seu estudo⁽³⁾. Juntamente com esta perspectiva, discussões éticas e regulamentações específicas sobre a participação desse público em estudos, começam a surgir. No Brasil, a resolução 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde⁽⁵⁾ estabelece que a participação de menores em estudos científicos está condicionada não apenas à autorização do representante legal, mas também ao assentimento do próprio indivíduo, quando existirem condições de

compreensão por parte deste. Assim, as perspectivas infanto-juvenis trazem para o meio científico peculiaridades relativas à idade, as experiências de vida, características de seu grupo familiar, entre outros, que demandam indagações teórico-metodológicas e implicações éticas.

No que concerne aos estudos sobre homoparentalidade¹ e crianças nesse contexto familiar, os discursos, geralmente falam sobre a priorização dos interesses dos menores. Contudo, na prática, é comum observar que são raros os momentos e os lugares que essas crianças e adolescentes têm para manifestar suas opiniões, desejos e expectativas. Historicamente, tem se reservado a este público o papel de coadjuvantes nas discussões e decisões sobre seu próprio destino.

As discussões que tem como foco principal crianças e adolescentes, cujo casal parental é constituído por dois homens e/ou duas mulheres, em sua maioria, se dão dentro de um campo político onde são enfatizadas questões relacionadas à saúde psíquica, ao

¹ Esse termo diz respeito ao exercício da parentalidade em que pelo menos um dos pais considera-se homossexual. Sobre o uso dessa terminologia, alguns autores apontam que ele implica no risco de reduzir e categorizar as relações parentais, tendo como base o critério da sexualidade⁽⁶⁾. Esta temática é alvo de uma profunda e interessante discussão, mas neste trabalho nos limitamos a definir e usar esse termo para designar, tanto o exercício da paternidade, como o da maternidade dentro da realidade de um casal de pessoas do mesmo sexo.

desenvolvimento da identidade de gênero, ao desenvolvimento psicossocial e à orientação sexual⁽⁷⁾. Os objetivos convergem no sentido de apontar para a possibilidade de que algo que seja diferente ou anormal, na socialização ou crescimento dessas crianças, possa influenciá-las, desviando-as de uma “normalidade heterossexual.” As crianças e adolescentes, com algumas exceções, são colocadas no lugar de vítimas de seu próprio contexto, ou frágeis e passivas diante das situações. Parte dos estudos que abordam a temática das famílias homoparentais acabam (não intencionalmente) por reiterar o modelo de família nuclear como o mais positivo para o desenvolvimento psicossocial das crianças, reforçando um modelo social excludente.

Para Menezes⁽¹⁾, não podemos lançar sobre as crianças um olhar reducionista à biologia, visto que a imaturidade anatômica não é, necessariamente, sinônima de fragilidade emocional. Precisamos romper com o discurso hegemônico que tratam as crianças e adolescentes como imaturas e frágeis e percebê-las como produtoras de cultura e história, capazes de produzir sentido sobre si e sobre seus contextos. Enquanto as discussões sobre

essas temáticas forem surdas às vozes das crianças e adolescentes diretamente envolvidos, deixaremos de perceber um lado bastante importante da história.

De fato, realizar um estudo com sujeitos adultos que transgridem a norma social da família nuclear já se caracteriza como um desafio. Ter acesso e desenvolver um trabalho com crianças e adolescentes envolvidos nesses contextos torna-se um desafio ainda maior. Investigações sobre esta temática são difíceis de ser levadas a cabo, pois estes casais, ainda que concordem em ser investigados, resistem à ideia de consentir o mesmo para seus filhos, pensando que, assim, os estão protegendo. Além disso, o investigador que se propõe a trabalhar com esse público deve levar em consideração o desejo e a disponibilidade de seus participantes. A escolha por um método adequado é primordial para a positividade do estudo, a técnica deve se adequar não só ao universo de significações dos participantes, mas sugerir confiança aos seus responsáveis.

O pesquisador que se propõe a enveredar por esse caminho deve se manter atento, pois a linguagem pela qual as crianças e os adolescentes se comunicam diferencia-se da dos adultos. Natividade e Coutinho⁽⁸⁾

chamam a atenção que na linguagem dos adultos, há o predomínio de enunciados bem articulados, enquanto a população infanto-juvenil faz uso dos mais diversos artifícios para se expressar; assim um pesquisador que não compartilha do universo de significações desses participantes, pode ter dificuldade para apreender o que eles pretendem expressar. Pesquisas com esse público requerem, portanto, a utilização de recursos auxiliares que se aproximem do universo infanto-juvenil.

Nesse sentido, a utilização de histórias tem um valor heurístico nos estudos com crianças e adolescentes, pois nessa atividade não há nenhuma restrição ao pensamento do participante. A história é um canal por onde a criança/adolescente expressa o sentido que atribui à realidade, indo muito além do que ela vê. Vale lembrar que as crianças brincam com as palavras. Ao ouvir, ler ou contar histórias, lidam com toda uma ludicidade verbal, sensorial, sonora, tendo a possibilidade de atribuir uma rede de significados e significações, obtendo, por outro lado, novas possibilidades de dizer algo de si, daquilo que é percebido e de seu mundo experiencial. O valor de uma história narrada não está apenas no seu produto

Album de fotografias: Técnica de construção...

final, mas em todo o processo de construção.

Este trabalho parte do princípio de que contemplar as falas desses jovens participantes é uma possibilidade de perceber a sociedade de outro ponto de vista e imergir em uma rica experiência de compreensão dos sentidos atribuídos por eles à realidade. É a possibilidade de entrar em contato direto com um tipo de subjetivação que pode estar sob suspeita e vigilância, pois é tomada como uma experiência desviante da normalidade⁽⁴⁾. Acredita-se que os resultados de trabalhos com este *corpus* de estudo contribuem para a desconstrução de mitos e crenças acerca das implicações que este modelo de família pode acarretar para o desenvolvimento infanto-juvenil, subsidiando a ampliação das discussões e do conhecimento sobre essas configurações familiares. Sendo assim, neste artigo, apresentamos a metodologia usada em uma pesquisa qualitativa que privilegiou a experiência dos participantes dentro do seu contexto social.

Objetivo

Este artigo tem por objetivo descrever os procedimentos metodológicos de construção de dados

utilizados para se investigar a maneira como crianças e adolescentes, filhos de casais homoparentais, representavam a si e a suas famílias. O instrumento empregado no estudo é apresentado como uma técnica facilitadora do diálogo entre pesquisador e participantes, para isso, faz-se uso de algumas falas para ilustrar a adequação do instrumento ao tipo de pesquisa realizada.

Metodologia

Antes de descrever os passos utilizados na elaboração deste trabalho, é relevante afirmar que há aqui uma concordância com a perspectiva foucaultiana ao dizer que não existe um método a ser seguido, a não ser que se considere como método as interrogações sobre a realidade e adote-se estratégias analíticas de interpretação. Para Veiga-Neto⁽⁹⁾, isto significa estabelecer um conjunto de procedimentos de investigação e análise prazerosos, que não fique preso a regras práticas e a normas ou problemas técnicos. Não existe um caminho previamente definido, nem um local determinado onde, de antemão, se pretende chegar. As possibilidades são diversas, o caminho é construído à medida que se inicia a caminhada e os

Album de fotografias: Técnica de construção...

resultados não se prestam a universalizações.

Foucault afirmou que nunca pretendeu circunscrever um método ou teoria que pudesse ser usada para todo e qualquer objeto de estudo. Ele construía seus lastros teóricos como teorizações, com características de inacabamento, e seus caminhos metodológicos ao debruçar-se sobre cada um de seus problemas de pesquisa. Veiga-Neto⁽¹¹⁾ reafirma a posição de Foucault, dizendo que ele se afasta da tradição cientificista da modernidade onde haveria uma verdade universal à qual se deve chegar ao realizar um estudo; para que isso fosse possível, seria necessária a utilização de um método incontestável, sistemático e seguro. Para este autor, apegar-se a um caminho seguro é ater-se a uma ilusão, já que nada pode ser considerado seguro. Tudo é imprevisível: o ponto de onde se pretende partir, o percurso realizado e, principalmente, as diversas possibilidades de pontos de chegada.

Segundo Ferreira Neto⁽¹²⁾, a proposta de Foucault era que a neutralidade da metodologia correta fosse substituída por uma ética de autoinvenção, entendendo este modo de investigação como um processo de subjetivação em que sujeito e objeto se

constituiriam no próprio processo de construção do saber. Nesse sentido, para evitar as exigências rigorosas impostas pela cientificidade moderna e evitar estender uma discussão sobre os diversos significados de método, convém falar de “um modo de ver as coisas”⁽¹¹⁾, uma “maneira de entender”⁽¹¹⁾.

Contudo, deve-se ter cuidado para não confundir essa flexibilidade com uma total ausência de rigor. Não se pode negar a existência de um mundo que nos precede e de uma cultura na qual estamos mergulhados, fatos que exigem que sigamos alguns preceitos, normas e regras. Do contrário, a comunicação não seria possível e os pensamentos se tornariam totalmente desarticulados⁽¹¹⁾. Falar de uma análise como uma “maneira de entender” não significa afirmar que um plano de trabalho não seja necessário, mas que no desenvolvimento de um estudo não se pode ater-se rigidamente ao caminho que imaginamos ser o mais eficaz.

Há aqui uma concordância com Stronach⁽¹³⁾ ao colocar que neste processo de pensamento “o ‘método’ e a ‘metodologia’ estão num estado muito mais ‘líquido’, e sua relação com a ‘teoria’ é bem mais desconstrutiva. As atuais tendências a um foco inicial

exato, a um projeto de pesquisa *a priori*, são a antítese deste enfoque.” O pesquisador deve se sentir livre para mudar a trajetória conforme as ideias e o material de estudo vão surgindo, com um olhar sempre atento ao que emerge.

Participantes

Apesar do objetivo deste trabalho ser voltado para a apresentação e discussão da metodologia, faz-se necessário caracterizar brevemente os participantes do estudo que originou este artigo, visto que, algumas falas são utilizadas para ilustrar a adequação do método ao desenho da pesquisa. Vale ressaltar que todos os nomes utilizados são fictícios, de modo a preservar a identidade e a privacidade dos participantes.

Desse modo, participaram do estudo quatro crianças e um adolescente, de ambos os sexos, filhos de casais homoparentais, sendo quatro da união entre duas mulheres e um da união entre dois homens. Todos os participantes residem no Estado de Pernambuco, sendo três na Região Metropolitana do Recife e dois em cidades do interior do Estado. É comum a todas as crianças e ao adolescente o fato de conhecer e, de alguma maneira,

manter algum vínculo ou contato com seus pais biológicos.

Carol, 8 anos. Reside com a mãe na Região Metropolitana do Recife e cursa o 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola particular. É filha biológica de um primeiro relacionamento da mãe. Conhece o pai biológico e passa alguns fins de semana na casa dele. A mãe de Carol mantém um relacionamento há dois anos com outra mulher e, apesar de não morar juntas, elas dividem os cuidados devotados à criança. A mãe de Carol é advogada e sua companheira é psicóloga.

Lucas, 8 anos, está cursando o 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola particular. Ele é filho adotivo de duas professoras universitárias. A família biológica da criança, por não dispor de condições financeiras favoráveis, preferiu doá-la para que fosse criada pelas professoras. No entanto, a adoção de Lucas é informal, visto que suas mães não têm a guarda definitiva dele. Lucas conhece sua família de origem, que é do interior do Estado, e algumas vezes por ano vai visitá-la.

Ana, 7 anos, está no 2º ano de uma escola particular na Região Metropolitana do Recife. Os pais se

Album de fotografias: Técnica de construção...

separaram logo após seu nascimento. Quando Ana tinha 1 ano de idade, sua mãe foi morar em Portugal, mas o pai não autorizou que ela levasse a criança. Por este motivo, Ana morou com a avó materna até os 4 anos. Após o regresso de sua mãe, Ana passou a residir com ela e com sua companheira. A mãe de Ana é advogada, enquanto que sua companheira é jornalista. Periodicamente, Ana vai à casa do pai, que é eletricitista.

Mateus, 4 anos, reside no interior do Estado, com seu padrinho, que é faxineiro, e o seu companheiro, que é porteiro de um colégio. Após o falecimento da mãe de Mateus, quando ele era ainda um bebê, seu pai biológico o entregou ao padrinho, alegando não ter condições de criá-lo. Desde então, o padrinho de Mateus e seu companheiro lutam na justiça para obter a guarda definitiva da criança. Apesar de Mateus saber quem é seu pai biológico, residir relativamente perto dele e vê-lo com frequência, ele se recusa a manter qualquer vínculo com o filho. Mateus cursa hoje o 1º período do Ensino Infantil de uma escola pública.

João, 14 anos. Os pais biológicos de João se separaram antes mesmo de ele nascer. A mãe de João começou a se relacionar com outra

mulher quando ele tinha 5 anos de idade, e após três anos de relacionamento, passaram a morar juntas. Desta maneira, João cresceu com a sua mãe, que é professora, e a companheira dela, que é comerciante. O adolescente conhece e mantém um relacionamento amigável com o pai. Na época em que estivemos em contato com o adolescente, as duas companheiras estavam passando por uma crise conjugal que levou a companheira da mãe do participante a sair de casa. No entanto, segundo João e sua mãe, apesar de não estarem residindo juntas naquele momento, o relacionamento se mantinha.

Instrumento

Optou-se pelo uso de um “álbum de fotografias” confeccionado pela própria pesquisadora a partir de figuras de famílias retiradas da internet, como técnica para estimular a narrativa de histórias. A construção deste instrumento foi inspirada em um trabalho dissertativo de Melo⁽¹⁴⁾, que abordava questões relativas a mães de crianças que sofreram abuso sexual por parte do companheiro da mãe. Por se tratar de uma técnica lúdica, com uso de imagens e fotografias, e que não aborda diretamente a temática em estudo, representa uma atividade menos

Album de fotografias: Técnica de construção...

invasiva e menos diretiva que uma entrevista ou um questionário.

Trata-se de um álbum construído com diversas figuras que foi apresentado ao participante e solicitado que contasse uma história ou falasse sobre o que sentia ao visualizar cada imagem. Esse instrumento objetivava estimular a narrativa, propiciando um diálogo mais rico e aberto com o investigador. Nesse sentido, as imagens escolhidas remetiam a pensamentos e sentimentos relacionados ao significado de família⁽¹⁴⁾.

Nessa linha de pensamento, o álbum de fotografias foi construído a partir da seleção de 14 imagens, conseguidas através da internet, de modo que cada página continha apenas uma figura. As imagens utilizadas retratavam cenas de pessoas em diferentes situações e que poderiam, ou não, ser interpretadas como configurações familiares: um homem e uma mulher caminhando de mãos dadas, adolescentes caminhando juntos, crianças brincando, dois homens adultos brincando com uma criança, uma mulher gestante abraçada a outra mulher, entre outras.

Pensando sobre a escolha deste instrumento, pode-se afirmar que se trata de uma técnica projetiva no sentido

que estimula a atribuição de sentido a partir de um estímulo (neste caso, um estímulo visual). Este tipo de técnica se opõe à tradição psicométrica, alicerçada a partir da perspectiva positivista que considera a utilização de testes para “obter dados”, tendo sido sedimentada pela difusão de escalas para mensuração da inteligência, cujos procedimentos são quantitativos e normativos. No entanto, deve-se ter cautela quanto a ideia de “projeção” aqui utilizada, vale frisar que não se faz referência ao conceito de mecanismo de defesa descrito por Freud, mas corresponde a um processo de interpretação e atribuição de sentido.

Ao tomar a noção de sentido, faz-se numa perspectiva que a considera de uma forma plural, como “uma constelação, um conjunto de sucessões, mas também, de coexistências, que faz da interpretação uma arte ⁽¹⁵⁾”. O sentido depende sempre das forças que se apoderam e se expressam no acontecimento, na coisa. Não é possível compreender o sentido de um acontecimento sem considerar as forças que dele se apropriam, dominam e exploram.

Ao apresentar o álbum ao participante, era dada a seguinte instrução: “Eu vou lhe mostrar algumas figuras e gostaria que você me contasse

Album de fotografias: Técnica de construção...

uma história sobre cada uma delas.” Após a instrução ser dada, a criança e/ou adolescente ficava livre para falar sobre aquilo que quisesse e sobre o que chamasse a sua atenção nas imagens. No entanto, durante a aplicação, a pesquisadora também poderia interagir, no sentido de indagar sobre algum aspecto da sua narrativa, com cautela para não a direcionar ou sugestioná-la.

As imagens foram apresentadas sequencialmente, no entanto, o participante poderia retornar a uma imagem já apresentada ou se recusar a falar de alguma delas, passando para a imagem seguinte. Desta maneira, o álbum de fotografias serviu como um instrumento facilitador do diálogo.

Ao término da apresentação das figuras o participante era convidado a apontar a imagem preferida, bem como a que menos gostou, e justificar suas escolhas.

Procedimento de construção dos dados

Esta pesquisa foi um desdobramento de um projeto mais amplo da orientadora da dissertação que originou este artigo, que versa sobre “A parentalidade e a conjugalidade entre casais do mesmo sexo e suas repercussões sobre a construção da subjetividade infantil”, submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em

Pesquisa da Universidade Católica de Pernambuco, sob o parecer de número 154/2006, CEP 0101.0.096.000-06. Esta etapa do estudo teve fomento da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (Facepe), cujo projeto foi aprovado em 2011.

Diante da dificuldade em se encontrar crianças cujos pais ou mães formassem casais constituídos por pessoas do mesmo sexo, que têm sua relação estável e publicamente assumida, recorreremos à amostragem por indicação, isto é, um casal conhecido se disponibilizou a participar da pesquisa, indicando um segundo, e, assim por diante.

Inicialmente buscou-se explicar o caráter da pesquisa, como seria realizada, sua importância em âmbito social e esclarecer algumas possíveis dúvidas que puderam surgir por parte dos pais/mães. Nesse momento, foi apresentado aos responsáveis pelas/o crianças/adolescente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi lido e assinado.

No primeiro contato com as crianças e com o adolescente, a pesquisadora buscou conversar brevemente com eles sobre suas rotinas e atividades preferidas, com o intuito de

Album de fotografias: Técnica de construção...

estabelecer uma relação de empatia. Durante a conversa, a pesquisadora contava que tinha que “fazer um trabalho para a escola e que só poderia ser realizado com a ajuda de algumas crianças”. Questionava, então, se a criança gostaria de ajudá-la, descrevendo como seria essa ajuda. Esta maneira de lançar o convite de colaboração no estudo foi intencional, não só para despertar o interesse e assentimento de participação por parte das crianças e adolescente, mas para facilitar o estabelecimento de uma parceria com a pesquisadora. Aqueles que aceitassem colaborar deveriam sentir-se parte primordial no processo de construção de conhecimento. No entanto, mesmo com uso desta estratégia, duas crianças que foram contatadas se recusaram em participar e, obviamente, tiveram o seu desejo respeitado, não sendo incluídas no estudo.

Tendo o consentimento dos responsáveis e o interesse de participação por parte das crianças e do adolescente, um novo encontro foi marcado para aplicação do instrumento. Novamente, todos optaram por receber a pesquisadora em suas residências. Este foi um fato positivo, pois propiciou

aos participantes um maior conforto e confiança.

As histórias e os diálogos foram gravados em um gravador de voz digital e, posteriormente, transcritos, seguindo rigorosamente as palavras dos participantes, tentando manter o máximo de fidelidade com relação ao que foi dito. Também foram registrados, pela pesquisadora, os gestos relevantes, como: risos, expressões faciais, reações, etc.

Escolhas e implicações do método

Promover uma discussão sobre as práticas sexuais e as configurações familiares que diferem do modelo nuclear exige cautela, principalmente por se tratar de uma temática que ainda provoca certa resistência por parte da sociedade. A dificuldade de se encontrar participantes que atendam aos critérios exigidos e que concordem em fornecer dados para o estudo é uma evidência da invisibilidade desses sujeitos perante a sociedade.

Por se tratar de um estudo com crianças e adolescentes, fez-se necessário o uso de um instrumento que propiciasse uma coleta de dados mais lúdica e interessante, que atraísse a curiosidade e o desejo de participar, independente da faixa etária. Além disso, a temática estudada costuma

provocar nos pais/mães dos participantes certo receio de expor seus filhos. Nesse sentido, o instrumento deveria confortar e transmitir confiança. O uso de imagens, sem fazer menção direta aos objetivos, inspirou uma maior adesão por parte dos responsáveis pelos participantes.

O tema da pesquisa serviu como um referencial apenas ao olhar da pesquisadora ao analisar o seu *corpus* de estudo, mas isso não limitou aquilo que as crianças/adolescentes têm para mostrar e dizer. Essa foi uma tática necessária para conseguir ter acesso aos participantes, e que, ao mesmo tempo, não prejudicava em nada a construção dos dados, pois tudo o que interessava era saber como essas crianças e o adolescente viam suas famílias. Em nenhum momento havia necessidade de introduzir a questão da orientação sexual de seus pais/mães, a menos que o próprio participante sentisse necessidade de falar sobre esta temática.

Partindo deste viés, a proposta de utilizar o álbum de fotografias como instrumento de pesquisa norteia-se, primeiro, numa abordagem eticamente fundada, além de tornar-se um campo privilegiado para a discussão da utilização da fotografia como ferramenta discursiva. Os estímulos

visuais atravessados por diversos elementos discursivos propiciou que diferentes temáticas fossem abordadas. Toma-se, por exemplo, a primeira imagem do álbum em que se apresentam vários adolescentes caminhando. Um deles mostra-se como uma figura ambígua, fato que possibilitou o questionamento de uma das participantes: *“Essa aqui, é menina ou menino? Parece uma menina, mas tem cabelo curto igual a um homem. Mas, eu acho que é uma menina, tem peito, olha”*. A indagação rápida da participante sobre a imagem aponta para a riqueza discursiva sobre a construção dos gêneros e reforça os padrões estereotipados das performances femininas e masculinas. O recorte desta fala, juntamente com outros que também foram propiciados pela aplicação da técnica, para estudiosos do campo de gênero e sexualidade podem representar um material exploratório bastante interessante. Este é apenas um dos exemplos que apontam para a qualidade e diversidade do material construído a partir dos estímulos visuais do álbum de fotografias.

Soares⁽¹⁶⁾ elenca cinco possibilidades de construção de ferramentas metodológicas possíveis de serem utilizadas na construção de dados

Album de fotografias: Técnica de construção...

com este público. A primeira apela pela oralidade infantil, incluindo-se nesse meio as entrevistas tradicionais. A segunda é fazer uso de técnicas que recorram à criatividade em termos de registros escrito ou gráfico (diários, ensaios, entre outros), para as crianças que já dominam a escrita. Outra possibilidade aponta para o uso de recursos midiáticos (fotografias e vídeos). A quarta possibilidade são as técnicas que recorrem a expressão dramática, que permite as crianças recriar situações. Por último, a autora sugere o uso de técnicas visuais, por meio de símbolos, imagens ou a cartografia. A autora coloca que as ferramentas metodológicas de pesquisas com o público infanto-juvenil devem potencializar as competências das crianças e considerar os diversos aspectos que caracterizam o estudo.

Com o uso do álbum de fotografias pretendia-se que as crianças e os adolescentes a partir dos estímulos visuais pudessem verbalizar, contar suas histórias, falar sobre desejos, emoções e opiniões. Nas respostas verbais, o sujeito se confronta com uma tarefa de atribuição de sentido, haja vista ter que analisar o material visual e interpretar. Nesse processo estariam implicados: memória, linguagem, funções

cognitivas e afetivas, experiência e práticas de si, de modo a veicular, através da expressão narrativa, os modos de subjetivação, os atravessamentos discursivos, as interdições, etc.

A escolha pelo álbum de fotografias e de histórias narradas se apresentou como uma saída para aproximação a conteúdos delicados de serem acessados, além de acolher a expressividade do universo infanto-juvenil de maneira mais ampla, evitando-se restrições ou resistências. A fala de uma das crianças de 08 anos de idade, mobilizada pela imagem de dois homens adultos brincando com um bebê, ilustra claramente como o instrumento permitiu atribuições de sentidos que se aproximam do universo cotidiano dos participantes: [...] *Minha família é assim, sabia? Quer dizer, mais ou menos. É assim, só que com duas mulheres. Minha mãe e tia Vivian são namoradas. Mas, pra mim, tia Vivian é como se fosse uma mãe. A gente é uma família assim: com duas mães.*

É importante frisar que não há posicionamento contra a utilização da entrevista e do questionário como instrumentos de coleta de dados, nem se questiona a eficácia dessas técnicas. No entanto, diante do teor do estudo, da

dificuldade de aceitabilidade dos participantes e dos critérios de participação, acreditou-se que o álbum de fotografias atendia melhor aos objetivos.

A fala a seguir, de uma das crianças, ilustra como as histórias narradas aproximam os participantes de sua realidade e os convidam a falar sobre si. Diante da imagem de uma gestante abraçada com outra mulher, a menina de 8 anos de idade narra a seguinte história: *Essa mulher tava grávida, mas o namorado dela deixou ela e não quis casar. Aí ela conheceu Marta e se apaixonou. Aí Marta disse que cuidava do bebê se ela quisesse. E as duas ficaram muito felizes.*

A identificação da criança com a imagem e a história narrada foi tão forte que ela prossegue o diálogo falando sobre sua própria história de vida: *É como se fosse minha história, sabia? Só que eu grande. Meu pai não quis ficar com minha mãe... Assim, eu gosto dele, sabe? Ele é legal. Ele não vem muito aqui. Minha vó diz que ele abandonou minha mãe, mas eu não acredito. Ele diz que foi porque não amava ela. Aí, ficou eu e minha. Um dia ela conheceu tia Ana, ela se apaixonou. Aí minha tia disse que cuidava de mim, e agora eu tenho duas mães.*

A ação lúdica da técnica do álbum de fotografias acabou por permitir que temas complexos de serem abordados e que exigem uma maior cautela do pesquisador fossem trabalhados de maneira menos invasiva e ansiógena. O recorte a seguir mostra a dificuldade de uma das participantes de reconhecer o relacionamento da mãe com outra mulher como legítimo, apesar de saber da sua existência: [...] *é que eu não entendia como é que minha mãe tava assim... namorando assim... assim, né?... Com outra mulher. Eu tinha vergonha de dizer. Eu não gostava, não. Mas, aí elas foram dizendo que era porque se amavam. Igual um homem e uma mulher, sabe? Aí, eu fui entendendo, fui conhecendo tia Vivian e gostando.*

A escolha pelos procedimentos de construção dos dados se deu, também, a partir da compreensão que fazemos de discurso e de práticas discursivas. Foucault não se preocupava com o discurso enquanto simples expressão de uma ideia ou enquanto mera linguagem, mas como condições de possibilidades historicamente datadas⁽¹⁷⁾. Este autor apontou para a hipótese de que toda a produção discursiva, em qualquer sociedade, é controlada pela interdição. Esta

interdição limita a enunciação do discurso, marcado pela busca de desejo e de poder, pela luta do controle daquilo que anunciam⁽¹⁸⁾. O autor promove uma reflexão sobre o fato de que os discursos são influenciados por regras sociais e institucionais, que detêm o poder de saber e que, fazendo uso disso, atribuem ao discurso o poder de ser aceito como verdadeiro ou não.

O uso do instrumento aqui contemplado não limita as manifestações discursivas, muito pelo contrário, expõe o jogo de poder que perpassa as relações sociais e promove subjetivações. A fala de uma das participantes, de 07 anos de idade, ilustra a força discursiva das histórias narradas: *Era uma vez um homem que tinha dois filhos. Ele se separou e ficou com as crianças. Até que se apaixonou de novo. Só que dessa vez as pessoas não gostavam do namoro dele porque era com outro homem. Mas, ele foi pro juiz e o juiz disse que tudo bem, que ele podia ficar com os filhos e com o namorado. Aí todos eles ficaram felizes.*

Nesse sentido, a linguagem não é apenas um instrumento em correspondência direta com o pensamento da coisa pensada, mas constitutiva do próprio pensamento. Como consequência, a linguagem

também compõe o sentido que atribuímos às coisas e a experiência que temos do mundo. O sentido não estaria escondido e interpretá-lo não significa desvelá-lo, ele é construído dentro de um conjunto de relações que se estabelecem entre o que observa e o que é observado⁽⁹⁾.

Veiga-Neto⁽⁹⁾ aponta que ao falar de discurso, Foucault distingue as práticas discursivas das práticas não discursivas. Entende-se por práticas discursivas aquelas que se constituem no e pelo discurso, ou seja, não se pode pensar em um discurso que se isole do sistema de formação que o constitui e o tem. As práticas não discursivas são consideradas as que criam condições de possibilidades para as práticas discursivas, por exemplo, as condições econômicas, sociais, políticas culturais, entre outras. Dessa maneira, não cabe procurar relações de causalidade entre uma e outra. O que se poderia examinar são as maneiras de articulação entre elas. A questão é entender aquilo que foi permitido ser expresso, e como foi expresso, para perceber as relações estabelecidas entre o que foi dito e o jogo de poder que se manifesta nos discursos.

Considerando as histórias narradas pelos participantes e os

Album de fotografias: Técnica de construção...

diálogos como práticas discursivas, buscou-se promover interrogações que permitissem uma compreensão sobre a maneira como os discursos se constituem, bem como as relações estabelecidas entre eles, evitando-se discussões que se fundamentassem em questões como “quais” ou “o que”. O método de construção de dados foi pensado de modo a tensionar as relações existentes entre os acontecimentos discursivos das falas dos participantes e as regras que definem as condições de existência desses discursos, problematizando-se sobre essas práticas.

Considerações finais

Priorizar as vozes de crianças e adolescentes exige uma adaptação por parte do pesquisador para acolher não só aquilo que lhe é dito, mas tudo o que acontece em seu entorno. É de fundamental importância que a técnica seja lúdica e que desperte a curiosidade e o interesse em participar. O cuidado na escolha do instrumento deve partir do princípio de que o uso de um instrumento inadequado, que não acolha os participantes em suas diversas expressões de si mesmo, pode acabar reiterando ou legitimando estereótipos e

preconceitos em torno do objeto estudado.

É sob esta perspectiva que o uso do álbum de fotografias na pesquisa se revelou como uma alternativa extremamente útil e promissora, não só pelo caráter multidimensional e dinâmico, mas, sobretudo porque evocam dados ricos no âmbito das subjetividades e produções discursivas. A utilização da técnica permite provocar uma ampla variedade de respostas. O uso do álbum de fotografias se mostrou uma excelente técnica de construção de dados para crianças e/ou adolescentes devido ao fato de lhes despertar interesse e se aproximar do universo de significações dos participantes. A técnica se adequou tanto às questões em jogo na pesquisa, como aos sujeitos envolvidos, possibilitando uma aproximação, não só ao universo de significações infanto-juvenil, mas proporcionando confiança aos seus responsáveis.

Neste trabalho, não foram apresentados apenas passos a serem seguidos, tampouco se pretende que outros estudos sigam pelo mesmo caminho que foi trilhado, pois cada investigação, ao ser realizada, cria um caminho singular, dificilmente repetível na sua íntegra, mas lança luz para novas

Álbum de fotografias: Técnica de construção...

pesquisas. Mais do que resultados, buscou-se apontar para práticas metodológicas que possibilitem uma ruptura com a afonia das crianças e dos adolescentes nas pesquisas científicas sobre homoparentalidade, evidenciando suas experiências através das suas histórias e falas.

Cabe lançarmos mão de novos olhares sobre crianças e adolescentes como participantes ativos da construção social. Nesse sentido, priorizar suas vozes, seus olhares, suas opiniões e seus desejos. Esta também é a dimensão política da pesquisa, pois pode considerar esses indivíduos como sujeitos no mundo. Além disso, este caminho de pesquisa também pode representar uma oportunidade de desfazer mitos e crenças acerca das implicações que o modelo de família constituído por um casal do mesmo sexo poderia acarretar para o desenvolvimento das crianças.

Referências

1. Menezes KL. Conversando com crianças: posicionamentos e sentidos em construção sobre família em contexto de conflito na justiça [dissertação]. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Psicologia; 2009.
2. Gaiva MA. Pesquisa envolvendo crianças: aspectos éticos. *Bioética*. 2009; 17(1): 135-46.

3. Vasques RCY, Mendes-Catillo AMC, Bouso RS, Borghi CA, Sampaio PS. Dando voz às crianças: considerações sobre a entrevista qualitativa em pediatria. *REME Rev Min Enferm.* 2014; 18(4): 1016-20.
4. Kramer S. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. *Cad Pesqui.* 2002; (116): 41-59.
5. BRASIL. Resolução n. 466, de 12 de Dezembro de 2012. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo humanos. *Diário Oficial da União, Brasília, 13 jun. 2013. Sessão 13, p. 59. Conselho Nacional de Saúde. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>*
6. Amazonas MCLA, Veríssimo HV, Lourenço GO. Adoção de crianças por gays. *Psicol Soc. (Online).* 2013 [citado em 12 dez. 2015]; 25(3): 631-41. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/seerpsicoc/ojs2/index.php/seerpsicoc/article/view/3664/2279>
7. Zambrano E. Parentalidades 'impensáveis': pais/mães homossexuais, travestis e transexuais. *Horiz Antropol.* 2006; 12(26): 123-47.
8. Natividade MR, Coutinho MC. O trabalho na sociedade contemporânea: os sentidos atribuídos pelas crianças. *Psicol Soc. (Online).* 2012 [citado em 04 jun. 2015]; 24(2): 430-9. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=309326586021>
9. Veiga-Neto A. Foucault e a educação. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica; 2003.
10. Veiga-Neto A. Teoria e método em Michel Foucault (im)possibilidade. *Cadernos de Educação.* 2009; 1(34): 83-94.
11. Ferreira Neto J. A Experiência da pesquisa e da orientação: uma análise genealógica. *Fractal Rev Psicol.* 2008; 20(2): 533-46.
12. Stronach I, Miller L, Whalley JB. Do Estruturalismo ao Pós-Estruturalismo. In: Somekh B, Lewin C, organizadores. *Teoria e Métodos de Pesquisa Social.* Editora Vozes; 2015. p. 386-95
13. Melo LM. Parentalidade e conjugalidade: a experiência de mulheres que tiveram um filho vítima de incesto [dissertação]. Recife: Universidade Católica de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica; 2008.
14. Deleuze G. Nietzsche y la Filosofía. 2ª edição. Barcelona: Anagrama; 1986.
15. Soares NF. A investigação participativa no grupo social da infância. *Currículo sem Fronteiras.* 2006; 6(1): 25-6.
16. Silva GC, Silva J M. Da análise do discurso à apreciação das práticas discursivas: possibilidades metodológicas para a pesquisa em educação. *Revista do Difere.* 2012; 2(3): 1-19.
17. Foucault M. A Ordem do Discurso. 5ª edição. São Paulo: Edições Loyola; 1999.

Participação dos autores

Todos os autores, escreveram e
revisaram
o artigo conjuntamente

Recebido:23.12.2015

Revisado:06.04.2016

Aprovado:06.05.2016